

Socióloga aponta falhas à investigação criminal

ANÁLISE As técnicas forenses evoluíram, mas é ainda longo o tempo que medeia entre crime e início da investigação, critica investigadora

A investigação criminal em Portugal melhorou nos últimos anos, mas esse salto qualitativo ainda não se generalizou a todos os investigadores e a todos os casos, sustentou ontem a socióloga Susana Costa durante uma palestra proferida numa escola secundária de Coimbra.

“Mudou alguma coisa numa década, mas nem sempre assim é”, afirmou a investigadora do CES (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra), baseada em entrevistas a técnicos ligados à investigação policial, no âmbito de um estudo que está a desenvolver com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

No plano laboratorial e da investigação científica não se tem registado “grande evolução” em relação às técnicas e meios adoptados há dez anos, mas já nessa altura “os procedimentos labora-

toriais” no nosso país eram “muito rigorosos”, sublinhou.

No entanto, mantêm-se práticas que podem prejudicar a investigação criminal, adverte a investigadora, apontando, designadamente, o tempo longo de mediação entre o crime e o início da investigação e, por outro lado, a deficiente protecção do local do crime e/ou suas pistas que nem sempre é feita em tempo útil e com a exigência aconselhável.

“As autoridades policiais continuam a esperar tempo demais até entrarem em acção”, quando se

trata de desaparecimento de crianças (quando a investigação só começa 48 horas depois do alerta), exemplifica Susana Costa, criticando, simultaneamente, a intervenção de várias forças policiais num mesmo caso.

Susana Costa, que está a desenvolver um estudo sobre “os impactos sociais, culturais, políticos e organizacionais criados pela tecnologia do ADN na investigação”, falou ontem de manhã na Secundária José Falcão, para alunos do 12.º ano, no âmbito da iniciativa “O CES vai à escola”.



Investigação em análise